
“A vó é uma dádiva. Ela não está mais lá, mas está em mim”: jóias de família como narrativas de afeto

“Grandma is a gift. She is no longer there, but she is in me”: family jewelry as affection narratives

Aline Lopes Rochedo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5597>

DOI: 10.4000/pontourbe.5597

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Aline Lopes Rochedo, « “A vó é uma dádiva. Ela não está mais lá, mas está em mim”: jóias de família como narrativas de afeto », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 01 maio 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5597> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.5597>

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 maio 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

“A vó é uma dádiva. Ela não está mais lá, mas está em mim”: jóias de família como narrativas de afeto

“Grandma is a gift. She is no longer there, but she is in me”: family jewelry as affection narratives

Aline Lopes Rochedo

- 1 Este relato etnográfico é um fragmento de uma pesquisa sobre a transmissão de joias de família no Rio Grande do Sul, investigação que realizo desde 2016 e que resultará em minha tese de doutorado, a ser defendida em 2020. Produzido a partir de narrativas de sujeitos urbanos, mulheres de camadas médias em maioria, acerca de reminiscências, identidades e trajetórias transgeracionais (Duarte, Gomes 2008), o trabalho procura identificar lógicas de repasses, expressão de emoções e a produção de valores de coisas entendidas por meus informantes como joias de família. Transito entre diferentes perspectivas teóricas que se debruçam sobre as relações entre *dádiva* (Mauss 2003; Lévi-Strauss 2003, 2009; Weiner 1992; Godelier 2001; Godbout 1999) e *herança* (Gotman 1988).
- 2 Ao seguir vidas e biografias dessas coisas (Appadurai 2008; Kopytoff 2008) que devem permanecer e ser transmitidas no grupo (Godelier 2001) – ou dentro daquilo que meus informantes entendem como sendo da família, consanguínea ou não (Schneider 2016) –, percorro caminhos que sobrepõem tempo, sentimentos e experiências para falar sobre relações sociais. Olhando além de termos de parentesco e considerando que o método biográfico é insuficiente para lidar com a temática, inspiro-me na História de Família, instrumento de pesquisa proposto por João de Pina Cabral e Antónia Pedroso de Lima. Trata-se de “*uma metodologia de contextualização social de pessoas desenvolvida como resposta às novas necessidades metodológicas levantadas pela investigação em contextos urbanos modernos*” (Pina Cabral, Lima 2005: 357).
- 3 Na maioria das vezes, os informantes me oferecem as narrativas – em geral, por indicação de conhecidos ou porque me conhecem e sabem da pesquisa por redes sociais ou conversas informais. Quando nos encontramos, peço que narrem a joia de família

que lhes despertou o desejo de falar, e essa coisa nem sempre é adereço de metais preciosos ou gemas. Pode ser de madeira, um brinquedo, uma reminiscência. Percepções diversas de família e classificações de proximidades e distanciamentos biogenéticos, geográficos e afetivos (Schneider 2016) são recorrentes nos discursos. Sempre tem emoção, sentimento e a ideia de dádiva, de inalienável, presente, herança e continuidade.

- 4 Meu objetivo é atentar para subjetividades que as habitam, percursos tecidos nas falas, ordem de incorporação de personagens, lugares e eventos à trama e recorrência de nomes, emoções e vínculos. Interessam-me propriedades valorativas dessas coisas em movimento. Enquanto discorrem sobre repasses jóias de família, os colaboradores constroem mapas e imagens sobre propriedades, cidades e países por onde antepassados e eles próprios circularam. Percebo que, ao falar em ascendência, falam em descendência e espacialidade.
- 5 Jóias de família existem porque há passado e futuro, e há um futuro que, às vezes, é passado. Há vivos, há mortos e há sobreviventes. A partir de lembranças engatilhadas por objetos – portanto com *valor emocional*, uma categoria nativa –, os relatos dão acesso a práticas, sociabilidades e emoções recebidas e transmitidas na circulação de jóias de família em contextos urbanos. Nem sempre são as histórias principais as contadas. Valorizam-se as secundárias, bem guardadas em porta-jóias e cofres, quase segredos e, por isso, reveladoras.
- 6 As histórias que compartilho, entretanto, são construções parciais de realidades sociais já recortadas e rearranjadas e a mim confiadas. As deste breve relato de campo me foram repassadas pela cenógrafa e diretora de teatro Andrea Mazza Terra, em Pelotas, no sul do Brasil. “Sou uma personagem desta cidade”, diz, convencendo-me a usar seu nome. Considerando que mesmo desafetos do Ego merecem a consideração, não foram ouvidos e muitos já morreram, omito passagens que considero – pelo menos nesta fase da pesquisa, na qual mais coleto do que analiso dados –, constrangedoras para sujeitos implicados.
- 7 Por outro lado, a narrativa de Andrea é uma composição criada e nutrida a partir da experiência dela, e os sujeitos mencionados compõem sua vida, conectam elos da versão que construiu e que espera que eu reconte. Poderia trocar o nome da cidade e de personagens – recebi a sugestão de colegas –, mas entendo que o desejo de falar sobre suas jóias de família e relações é, para Andrea, uma ação política no próprio universo social.
- 8 ***
- 9 A entrevistada começou descrevendo um bracelete de ouro e brilhantes que pertenceu à baronesa de Santa Tecla (1836-1906), avó de uma de suas bisavós. E citou um relicário “de ouro baixo” que pertencera à vó Nórís Moreira Mazza, falecida em 2001, sua joia de família com o maior valor *emocional*, conforme sua cotação das coisas herdadas. No dia seguinte, pediu que eu retornasse para ouvi-la sobre três camafeus napolitanos. O trio conta a origem dos Mazza no Brasil, justifica. No presente relato, porém, trarei apenas as narrativas sobre o bracelete e o relicário, jóias de família que se entrelaçam e convergem para Nórís, neta e filha de charqueadores, esposa de Rafael Mazza, herdeiro de comerciante imigrado da Itália. Esses avós de Andrea são pais de sua mãe, Branca Mazza Terra, nascida, criada e falecida em Pelotas.

10 ***

- 11 A entrevista foi concedida no pátio da casa onde Andrea reside com pai, filha, animais domésticos e hóspedes temporários, estudantes em maioria. Trata-se de um sobrado erguido na década de 1940 e distante menos de um quilômetro do centro de Pelotas. A imponência da construção é protegida dos curiosos por arbustos, árvores e folhagens. Pela pintura externa e plantas brotando de floreiras desordenadamente, suspeita-se que conter o fluxo do tempo e a espontaneidade da vida há anos não é prioridade naquele endereço.
- 12 Dentro, o pé-direito impressiona – é grandioso. Meu queixo desaba quando olho para o alto. A escada de madeira que leva à área íntima sussurra com o sobe e desce, e o piso de ladrilho hidráulico já desbotado indica que muita gente passou por aquela cozinha desde a primeira metade do século XX. A casa vive, e vivas também são as cores que revestem a sala numa pintura recente. Nada se equipara, porém, a vitrais e estofados adamascados de qualidade que, como se diz, “já não existe mais”.
- 13 “Nasci nesta casa”, informou Andrea, acendendo o cigarro. Exausta, ela me recebeu a pedido de Raphael Scholl, professor e nosso amigo em comum, por volta das 21h de uma quarta-feira, após passar o dia trabalhando em Rio Grande, cidade a 60 quilômetros ao sul de Pelotas.
- 14 A dona da casa transita na comunidade artística de grandes centros, pois estudou e morou por uma década em São Paulo e se inseriu no circuito de dramaturgia. Hoje, trabalha com teatro e cinema no Rio Grande do Sul, dirigindo, produzindo figurinos e cenários, às vezes atuando – suas personagens vão da baronesa à bruxa, e ela acha muita graça. No dia da entrevista, estava às voltas com a montagem do espetáculo *Sonho de uma Noite de Verão*, clássico de Shakespeare, que estrearia dali a um mês, em Rio Grande, e do qual era a diretora. Um projeto social de inserção de jovens no teatro e do qual Raphael, que me levou à Andrea, colaborou como figurinista.
- 15 A silhueta da entrevistada é esguia; e a pele, clara. Chamam a atenção longas madeixas acinzentadas que debruam o rosto fino, enquanto o olhar miúdo sobe puxado pela armação de gatinho. A voz é grave; e o sorriso, fácil. Sua figura, a propósito, participa da composição estimulante daquela construção que fora residência dos avós Rafael e Nórís. “Esta casa é o bastião, o símbolo do poder. Ali está a placa com o nome do vô Kael”, disse, indicando a chapa de bronze presa à porta. Lê-se “R.D.Mazza”, nome de um dos herdeiros do comendador Raphael Caetano Mazza, imigrante italiano criador de um império comercial do início do século XX. Império suplantado na década de 1990, mas que integra a mitologia pelotense como um titã.
- 16 No pátio, Andrea abriu três cadeiras. Sentamo-nos, ela, nosso amigo Raphael e eu. Pedi licença, liguei o gravador. Apresentei-me, disse-lhe que queria conhecer a história do bracelete da baronesa, joia de família sobre a qual ouvira falar havia alguns meses. Quem mencionou o objeto foi um de seus amigos de infância que trabalha em um antiquário. Este senhor também descendente de charqueadores e também amigo de Raphael, nosso amigo.
- 17 Andrea rapidamente conectou o bracelete ofertado em meados dos anos 1850 pelo barão de Santa Tecla à esposa por ocasião do casamento à produção de charque no Rio Grande do Sul no século XIX, à sociedade escravocrata da qual ela descende – sua avó Nórís era neta de charqueadores pelo lado materno e pelo paterno – e à ascensão e ao descenso econômico e político de uma elite outrora riquíssima e que se mobiliza para preservar ao menos o prestígio social na região.

- 18 Nos primeiros minutos, ela se levantou de súbito para buscar o objeto, voltou e me entregou uma caixa de veludo. Eu a abri, e lá estava “o mito”, “a lenda”, como Andrea brinca ao falar sério. Segurei a peça com os dedos e tentei contar os brilhantes. Não cheguei a nenhuma conclusão. Perdi-me, ansiosa, palpando aquele adorno tão mais bonito do que eu imaginara e afinando a escuta na penumbra.
- 19 O bracelete da baronesa – “A baronesa era a avó da minha bisavó”, situou-me – encontra-se sob os cuidados da minha informante em função da descendência, pois seria repassado à “primogênita” de cada geração. “Desde que nasci, eu já sabia que isso seria meu. Nunca se cogitou que minhas primas ficassem com isso”, disse ela, pontuando que lhe foi repassado pela avó Nórís, pois sua mãe “não dava a menor bola para jóias”. “Eu a usei uma vez só, acho. [...] Nessa festa, eu e o meu tio Carlinhos [irmão da mãe] éramos os únicos sobreviventes. A mãe já tinha morrido, e a vó também. Eu me arrumei para ele”, recordou.
- Ele [tio Carlinhos] me chamava de baronesa. Sempre me chamou de baronesa, porque o título seria meu, né? Pela linhagem o título seria meu (*risos*). E ele adorava brincar com isso. Ele chamava a minha bisavó de baronesa. [...]. Daí começou a chamar a vó Nórís de baronesa. No que a vó Nórís morreu, pulou a minha mãe e passou a me chamar diretamente de baronesa, porque a minha mãe não tinha o menor talento para baronesa (*risos*).
- 20 De ouro, o bracelete é ornado com um laço cravejado de brilhantes. Inicialmente, integrava um *parure* composto por tiara, pedantife e brincos, todos desmanchados, reconfigurados, vendidos ou desviados em seis gerações. Exceto o bracelete da baronesa, ainda no original. “Somos nós os sobreviventes”, ironizou, referindo-se não somente a mortes de familiares, mas também, de alguma forma, ao legado das charqueadas enfraquecido com o fim da escravidão e a queda da monarquia (Vargas 2016: 15) e desmoronado no início da década de 1930, na quebra do Banco Pelotense.
- 21 Para pontuar a importância da produção de charque do Rio Grande do Sul na época em que o bracelete da baronesa foi confeccionado, em 1856, visito a pesquisa do historiador Jonas Moreira Vargas (2016), que conduziu um estudo sobre os charqueadores de Pelotas e a construção de fortunas regionais através da análise de inventários *post-mortem*:
- As charqueadas trouxeram grande riqueza para Pelotas, e os charqueadores acumularam fortunas que não se distanciavam da maioria dos cafeicultores e senhores de engenho do Brasil. Fabricar charque para abastecer as *plantations* açucareiras e cafeeiras do mundo atlântico foi a origem do grosso patrimônio de um pequeno número de famílias estabelecidas em Pelotas – cidade localizada no litoral do Rio Grande do Sul e que, ao longo de todo o século XIX, foi a maior produtora de carne-seca do Império. (Vargas 2016: p. 11).
- 22 O charque era mercadoria valorizada e essencial na acumulação de capital por parte de uma elite regional no sul do país naqueles dias. Como informa Vargas (2006), a carne-seca fabricada nas propriedades rurais próximas a Pelotas fornecia a base da alimentação em *plantations* atlânticas e no tráfico de africanos, participando de um sistema internacional de comércio de bens e serviços produzidos por mão de obra escrava. A partir de 1850, quando da proibição do tráfico atlântico, porém, essa força cativa teve sua oferta reduzida; e seu preço, elevado. Pelo menos até 1880, quando se ampliou a onda abolicionista. E isso colaborou para a concentração de poder e prestígio nas mãos de poucas famílias que podiam manter escravos, detentoras não apenas de charqueadas, mas de sobrados, casas e armazéns em Pelotas e atuantes em diversos

segmentos profissionais de prestígio (Vargas 2006). Andrea, guardiã do bracelete, descende dos senhores do charque, como ela própria denomina seus parentes do século XIX, tanto pelos barões de Santa Tecla, os Silva Tavares, quanto pelo lado dos Moreira, e as famílias se encontram na avó Nóris.

23 ***

24 Nóris é a espinha dorsal da narrativa de Andrea sobre o bracelete. Descrita pela neta como "belíssima" e "positiva", a avó aparece como referência central na família, mesmo que o possessivo do objeto aponte para a baronesa de Santa Tecla. Citar todas as mulheres que guardaram a joia anteriormente, explica-me a entrevistada, não seria necessário, afinal, Nóris as trouxe até ela quando lhe repassou o relato e o bracelete. Um relato reconfigurado no tempo e que, como Andrea destaca, transcende o valor afetivo na medida em que, na versão de Nóris, evoca o protagonismo negro na trajetória da família e dos demais charqueadores.

25 Compreender beleza e significado daquela joia de família com mais de 160 anos repassada de mãe para filha, de sogra para nora ou de avó para neta implica conhecer a conjuntura da sua produção e as circunstâncias de sua sobrevivência numa narrativa que não conta só a ascensão e o declínio de uma elite pelotense em termos simbólicos, econômicos e políticos, mas também retrata um percurso de exploração de trabalhadores escravizados, papéis das mulheres naqueles contextos e reprodução de desigualdades e preconceitos visíveis e audíveis ainda hoje no município. O valor maior do bracelete da baronesa, portanto, seria histórico, diz Andrea. "Nunca pensei nele pelo valor *material*. Já até avaliei. Teve momentos de crise que cheguei a pensar que ele poderia resolver problemas, mas não se concretizou", contou ela, que, pelos comentários que faz sobre dificuldades econômicas, está longe de desfrutar a tranquilidade de outros tempos. Mas mantém o prestígio social. "Se tocar o telefone, todo mundo me atende. Por quê? Porque sou uma Mazza", afirma.

26 Atualmente, além da dedicação ao teatro, Andrea colabora com movimentos sociais, com destaque para causas ligadas à população negra de Pelotas, população segregada espacialmente na cidade que se vangloria da origem portuguesa, da cultura francesa importada nos séculos XVIII e XIX, da produção de doces e de um passado glorioso e omite com frequência crueldades da escravidão e a decadência posterior à falência do sistema do charque. A atual guardiã do bracelete da baronesa de Santa Tecla, portanto, participa de um circuito social e político nada óbvio para uma descendente de "uma linhagem escravocrata", como ela própria enfatiza. Sua fala sensível, justifica, é legado de Nóris, que, ao lhe confiar o bracelete ancestral, transmitiu-lhe uma narrativa crítica. Portar a joia da baronesa, para Andrea, implica portar a consciência social da avó e atualizá-la.

27 Uma coisa de família herdada pelo irmão de Andrea é a charqueada que o avô Rafael deu à esposa, Nóris, em 1952. Ao ganhar a propriedade rural, contou ela, a avó teria proibido a demolição da senzala e teria pedido que todas as ferramentas de labuta e tortura fossem recolhidas. Nóris, então, arranjou os instrumentos em uma parede da casa da família, constituindo uma narrativa que confere protagonismo aos negros. Na propriedade, contou Andrea, a explanação deveria se organizar em torno das injustiças cometidas contra aquelas forças braçais, deixando a exaltação aos barões para os palacetes da cidade. De acordo com ela, sua avó

[...] começava a contar a história [das charqueadas] pela senzala. A única pessoa que eu vi fazendo isso. Se sou o que sou, se sou como sou, é tudo da minha vó. Fui criada

por ela, e a consciência foi ela quem me deu. É a história da escravidão em Pelotas. Porque a história da escravidão foi negada sempre, e inventaram uma outra história, a de que teria havido uma escravidão *light*.

28 ***

29 Enquanto narrava o bracelete e refletia sobre valores econômico e histórico do objeto, Andrea comentou que, na sua escala, havia outra joia de família mais valiosa: um relicário "de ouro baixo", recebido "em vida", também da avó Nóris, "primogênita" do charqueador Carlos Moreira (1891-1937) na "linhagem do charque":

[O relicário] é a joia mais significativa para nós, porque era de uso diário [de Nóris]. Então, aquilo, para todo mundo, aquilo [o relicário] lembra a vó. Essa é a mais valiosa afetivamente, muito mais do que o bracelete. A gente sabe a história do bracelete, mas, se eu colocar essa outra joia, todo mundo [da família] sabe, todo mundo a reconhece. As minhas primas... Porque a gente se criou...

30 A joia de família que entrava em cena me foi apresentada engatada em uma corrente do relógio de bolso do avô Rafael. Nóris costumava portá-la com um cordão comprido, mas Andrea a prefere junto ao pescoço e trocou a corrente. Dar, receber e usar, mesmo que às vezes. Abri a peça e encontrei nichos para duas fotografias. Insistindo na baixa qualidade do ouro, Andrea disse que

[...] para a época, devia ser até uma bijuteria. Eu nem a uso no diário. [...] É claro que tem ranço nisso, eternamente vai ter um ranço que nunca foi discutido. Pode abrir. Aí dentro ela [Nóris] colocava fotos da gente. Sempre tinha uma foto do vô e uma minha. E isso causava mal-estar, por que só a foto da Deia? Daí ela botou das três netas mulheres, mas foi uma coisa problemática... Quando nasceu a minha filha, a primogênita da outra geração, ela colocou foto da minha filha, porque era a única bisneta. Foi a última foto ela que usou.

31 O relicário chegou a Nóris cedido por sua avó, Ofélia Burlamaqui Tavares (1880-1961), mãe de sua mãe, Amélia Burlamaqui Tavares (1902-?), esta filha de Eduardo da Silva Tavares (1868-1916), herdeiro dos barões de Santa Tecla. Enfim, tanto bracelete quanto relicário teve percurso similar, atravessando descendências aos cuidados de mulheres, sinalizando para a mais velha de cada geração a partir de Ofélia. Como indicado, aliás, nem sempre essas coisas passavam de mãe para filha. No caso da baronesa, chamada Amélia Gomes de Melo (1836-1906), a primeira a receber o bracelete como herança foi sua nora Ofélia, que, por sua vez, batizou a filha com o nome da sogra, para quem repassou a dádiva.

32 ***

33 Após quase duas horas, saímos para jantar, afinal, Andrea emendara uma viagem de retorno de Rio Grande à nossa entrevista. Sem gravador, aguardando nossos pastéis e bebendo cerveja em um restaurante próximo à sua casa, ela continuou falando sobre Nóris. Contou que a avó enfrentou um luto duro ao perder o marido, nos anos 1970, e teria encontrado conforto na literatura de Jorge Amado, na poesia de Vinícius de Moraes e na voz de Maria Bethânia. Um dia, Nóris comunicou à família que embarcaria para Salvador, na Bahia, disposta a conhecer Mãe Menininha. Retornou a Pelotas iniciada no Candomblé e portando as guias de seus orixás. Quando do falecimento de Nóris, em 2001, Andrea, a confidente, tratou de levar as guias da avó até a família espiritual. E disse: "A vó é uma dádiva. Ela não está mais lá, mas está em mim".

34 ***

35 Por ser um relato de campo, e não um artigo, este não é um texto conclusivo, tampouco se propõe a análises aprofundadas. Decidi compartilhar esta experiência etnográfica

como exercício de escrita e apresentação de dados e vivências nesse processo de pesquisa em que perguntas teóricas e dilemas éticos se multiplicam. Dentre tantos encontros com jóias de família, narrativas e personagens nos últimos dois anos, o caso de Andrea sobressai pela riqueza de elementos capazes de apontar para diferentes abordagens e aspectos tratados pela teoria antropológica.

- 36 A ideia de joia de família se mostra uma noção a ser pensada para além da materialidade e com base em propriedades metafóricas. Não é joia, é família, e família nem sempre implica conexão biogenética. Não é coisa de família; é um tipo específico de coisa de família. Move-se no tempo e no espaço não pelos termos de parentesco, mas por relações, emoção, afetos. São coisas ambíguas, passados e futuros, inalienáveis e, às vezes, alienáveis. São guardadas por alguns, mas pertencem a tantos, embora sejam de alguém. Seus trajetos objetificam realidades, produzem subjetividades, marcam hierarquias e estratégias políticas dentro dos próprios grupos. Jóias de família existem coladas a narrativas, e estas são atualizadas, construindo alianças e valores conferidos a coisas e a pessoas.
- 37 Relatos sobre o universo das relações familiares que acompanham a transmissão de objetos ao redor do Ego permitem acessar contextos de sociabilidade, afinidades, valores, disputas, constrangimentos e projetos individuais e coletivos. Coisas permitem conhecer não apenas interações presente entre entrevistados, mas explorar relações íntimas no passado e no futuro. É interessante observar como homens são secundários nessas reminiscências de Andrea. Ou melhor, eles aparecem, mas o papel decisório acerca dos trajetos percorridos por jóias de família cabe a mulheres, ou a papéis sociais associados ao universo feminino. Mulheres e adereços instigantes e enigmáticos orbitam homens difusos, imóveis, agastados a portas e a empresas extintas.
- 38 Atento, por fim, para o fato de que, como mencionado por Pina Cabral e Lima (2005), narrativas em que a memória perdura por várias gerações tendem a ser conduzidas por pessoas que pertencem a grupos de prestígio social e, em geral, têm muitos bens e outros capitais (simbólicos, políticos, sociais) que podem ser passados para gerações vindouras. O caso das diferentes ramificações da família de Andrea – e das famílias da vó Nórís – é um excelente exemplo desse tipo de narrativa. Iniciamos em um bracelete um percurso que envolve dezenas de anos de vivências e experiências familiares, assim como complexos contextos que atravessam Pelotas em conexão com outras regiões, países, continentes e dimensões, inclusive espirituais. Ou seja, uma etnografia que parte de jóias de família pode inserir o pesquisador em realidades sociais que dificilmente seriam atingidas seguindo apenas pessoas.

BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun. 2008. "Introdução: mercadorias e a política de valor". In.: APPADURAI, Arjun (org.), *A Vida Social das Coisas*. Niterói, RJ: Eduff. pp. 14-88.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos. 2008. *Três Famílias: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

- GODELIER, Maurice. 2001. O Enigma do Dom. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- GODBOUT, Jacques T. 1999. O Espírito da Dádiva. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- GOTMAN, Anne. 1988. Hértier. Paris: Presses Universitaires de France.
- KOPYTOFF, Igor. 2008. "A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo". In.: APPADURAI, Arjun (org.), A Vida Social das Coisas. Niterói, RJ: Eduff. pp. 89-142.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2003. "Introdução à Obra de Marcel Mauss". In.: MAUSS, Marcel, Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify. pp. 11-46.
- _____. 2011. "O princípio de reciprocidade". In. _____, As Estruturas Elementares do Parentesco. Petrópolis: Vozes. pp. 91-107.
- MAUSS, Marcel. 2003. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas". In.: _____, Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify. pp. 183-314.
- PINA CABRAL, João de; LIMA, Antónia Pedroso de. 2005. "Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social". Etnográfica, n. 9 (2): 355-388.
- SCHNEIDER, David M. 2016. Parentesco Americano: uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes.
- VARGAS, Jonas M. 2016. Os Barões do Charque e suas Fortunas. São Leopoldo: Oikos Editora.
- WEINER, Annette B. 1992. Inalienable Possessions: the paradox of keeping-while-giving. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press.

AUTOR

ALINE LOPES ROCHEDO

Mestre em Antropologia Social (PPGAS/ UFRGS) e doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/ UFRGS). E-mail : alinerochedo@gmail.com